

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Da dialetologia tradicional à dialetologia contemporânea: o léxico do gambá nos atlas linguísticos do Nordeste – APFB, ALS e ALiB

Thais Dultra Pereira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14312>

Submetido em: 2025-11-26

Postado em: 2026-05-06 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- JACYRA ANDRADE MOTA (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0202-4332>)

DA DIALETOLOGIA TRADICIONAL À DIALETOLOGIA CONTEMPORÂNEA: O LÉXICO DO *GAMBÁ* NOS ATLAS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE – APFB, ALS E ALiB

Thais Dultra Pereira

Doutora e Mestre em Língua e Cultura (PPGLinC-UFBA), Professora de Língua Portuguesa (SEC-BA) e UniFamec (Camaçari-BA). URL para acesso à tese: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/41150>>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8413-9680>.

RESUMO

Este artigo analisa a trajetória metodológica da Dialectologia no Brasil, observando o tratamento do léxico da fauna — especificamente o *gambá* — em três documentos representativos de distintas fases da pesquisa dialetal no país: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Brasil* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). Ao comparar as diferenças estruturais entre os atlas quanto à rede de pontos, perfil de informantes, elaboração de questionários e cartografia linguística, o estudo evidencia o deslocamento de uma Dialectologia de base monodimensional, centrada na descrição diatópica, para uma abordagem pluridimensional, que incorpora variáveis extralinguísticas e tecnológicas. O caso de *gambá* — espécie presente na fauna nordestina e recorrente nos *corpora* — permite observar não apenas as inovações metodológicas, mas também a continuidade de práticas lexicais e culturais que marcam a diversidade linguística do português brasileiro. O trabalho integra a linha de estudos sobre variação e mudança lexical e contribui para a compreensão da trajetória da Dialectologia brasileira e conseqüentemente nordestina, em especial da Bahia e de Sergipe, de suas raízes tradicionais aos seus rumos contemporâneos.

Palavras-chave: Dialectologia Pluridimensional. Variação Lexical. Comparação Metodológica.

FROM TRADITIONAL DIALECTOLOGY TO CONTEMPORARY DIALECTOLOGY: THE LEXICON OF THE OPOSSUM (*GAMBÁ*) IN THE LINGUISTIC ATLASES OF THE NORTHEAST – APFB, ALS, AND ALiB

ABSTRACT

This article examines the methodological trajectory of Dialectology in Brazil by analyzing how the lexical field of fauna – specifically *gamba* – is treated in three documents representing different phases of Brazilian dialect research: the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963), the *Atlas Linguístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987) and the *Atlas Linguístico do Brasil* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). By comparing structural differences among these atlases – such as network of survey points, informant profiles, questionnaire design and linguistic cartography – the study highlights the shift from a monodimensional Dialectology focused on diatopic description to a pluridimensional approach that incorporates extralinguistic and technological variables. The case of *gamba* – a species present in the Northeastern fauna and recurrent in all *corpora* – makes it possible to observe not only methodological innovations but also the continuity of lexical and cultural practices that shape the linguistic diversity of Brazilian Portuguese. This work contributes to studies on lexical variation and change and

provides insight into the historical development of Brazilian, and especially Northeastern, Dialectology, tracing its path from traditional foundations to its contemporary directions.

Keywords: Pluridimensional Dialectology. Lexical Variation. Methodological Comparison.

DE LA DIALECTOLOGÍA TRADICIONAL A LA DIALECTOLOGÍA CONTEMPORÁNEA: EL LÉXICO DEL ZORRO DIDELFO (*GAMBÁ*) EN LOS ATLAS LINGÜÍSTICOS DEL NORDESTE – APFB, ALS Y ALiB

RESUMEN

Este artículo analiza la trayectoria metodológica de la Dialectología en Brasil, observando el tratamiento del léxico de la fauna – en particular *gambá* – en tres documentos representativos de distintas fases de la investigación dialectal en el país: el *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963), el *Atlas Lingüístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987) y el *Atlas Lingüístico de Brasil* (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001). Al comparar las diferencias estructurales entre estos atlas – como la red de puntos, el perfil de los informantes, la elaboración de los cuestionarios y la cartografía lingüística –, el estudio evidencia el desplazamiento de una Dialectología monodimensional, centrada en la descripción diatópica, hacia un enfoque pluridimensional que *incorpora* variables extralingüísticas y tecnológicas. El caso de *gambá*, especie presente en la fauna del Nordeste y recurrente en los corpora analizados, permite observar no solo las innovaciones metodológicas, sino también la continuidad de prácticas léxicas y culturales que caracterizan la diversidad lingüística del portugués de Brasil. El trabajo se inscribe en la línea de estudios sobre variación y cambio léxico y contribuye a la comprensión de la trayectoria de la Dialectología brasileña – y, en particular, nordestina –, desde sus raíces tradicionales hasta sus orientaciones contemporáneas.

Palabras clave: Dialectología Pluridimensional. Variación Léxica. Comparación Metodológica.

INTRODUÇÃO

A Dialectologia brasileira percorreu, ao longo de quase um século, um trajeto de consolidação teórica e metodológica que reflete a própria evolução dos estudos linguísticos no país. Dos primeiros levantamentos regionais realizados sob a influência da Geografia Linguística europeia às propostas recentes de abordagem pluridimensional, a pesquisa dialetal no Brasil tem buscado descrever e compreender a diversidade linguística a partir de métodos progressivamente mais amplos, sistemáticos e tecnologicamente integrados. Nesse percurso, os atlas linguísticos desempenharam papel fundamental, não apenas como instrumentos de registro e preservação da variação, mas também como espaços de reflexão sobre os modos de observar, interpretar e representar a língua em uso.

Entre os trabalhos que marcam essa trajetória, destacam-se o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963), o *Atlas Lingüístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987) e o *Atlas Lingüístico*

do Brasil (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001)¹. Esses três documentos, elaborados em momentos distintos e sob orientações metodológicas diversas, permitem acompanhar o deslocamento da Dialetologia tradicional — centrada na descrição diatópica e na figura do informante “ideal” — para a Dialetologia contemporânea, de caráter pluridimensional, que incorpora variáveis sociais, tecnológicas e culturais no tratamento dos dados linguísticos. Comparar seus métodos e resultados, portanto, é também compreender a mudança de paradigma que acompanha a consolidação da Geolinguística brasileira.

O presente artigo constitui um recorte da tese de doutorado, que investigou esses três importantes *corpora*, intitulada *Do APFB ao ALiB: a fauna na Bahia e em Sergipe, ontem e hoje* (Dultra Pereira, 2024). Nesta versão, o estudo retoma parte dos dados analisados, com foco no léxico do *gambá*, a fim de discutir as implicações teórico-metodológicas da passagem da Dialetologia tradicional à contemporânea.

Neste artigo, toma-se como fio condutor o léxico da fauna, mais especificamente o item *gambá*, cuja presença nos três atlas mencionados oferece um ponto de observação privilegiado para analisar as continuidades e rupturas no modo de coletar, classificar e representar dados dialetais. O *gambá*, espécie de ampla distribuição no território brasileiro, constitui um exemplo emblemático para se observar a convergência entre léxico, cultura e metodologia: a persistência do termo e suas variantes, as motivações semânticas envolvidas e as diferenças na representação cartográfica entre os atlas revelam o modo como a Dialetologia, ao descrever a língua, também revisita seus próprios instrumentos.

O objetivo geral deste estudo é analisar, à luz do percurso metodológico da Dialetologia brasileira, o tratamento dado ao léxico do *gambá* no APFB, ALS e Projeto ALiB, em duas sincronias – a mais antiga, em que se comparam os dados do APFB e ALS, coleados na década de 1960, e a segunda sincronia, mais atual, referente aos dados do Projeto ALiB para Bahia e Sergipe, com registros de coleta nos anos 2000 (mais precisamente entre os anos de 2003 a 2009). Salienta-se que, para fins de comparação entre os atlas, foram observadas as diferenças na rede de pontos, no perfil de informantes, nos questionários e nas estratégias de representação dos dados.

¹ No presente artigo, optou-se por empregar o termo “atlas” para fazer referência aos três documentos analisados: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) e o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) – independentemente de suas especificidades de elaboração e publicação. Essa escolha busca uniformizar a terminologia e facilitar a leitura comparativa, ainda que, na tese de Dultra Pereira (2024), tenha sido feita distinção entre “documento”, ou seja, dados inéditos do Projeto ALiB, utilizados na tese, e “publicações oficiais”, que incluem os dados do APFB e ALS e ainda menções aos volumes do Projeto ALiB já divulgados. Tal decisão não altera o tratamento metodológico dos dados, apenas adequa o nível de generalização terminológica ao escopo deste artigo.

Como objetivos específicos, pretende-se: (i) identificar as condições metodológicas de elaboração dos três atlas; (ii) comparar as ocorrências lexicais de *gambá* e suas variantes regionais na Bahia e em Sergipe; e (iii) discutir de que modo as transformações nos métodos dialetais influenciam a descrição e a interpretação da variação lexical no português do Brasil. Parte-se da hipótese de que as divergências entre os atlas não apenas evidenciam diferentes estágios da Dialetologia brasileira, mas também configuram modos distintos de conceber a relação entre língua, território e sociedade.

Assim, ao articular análise lexical e reflexão metodológica, o presente artigo contribui para a compreensão da passagem da Dialetologia tradicional à contemporânea, ressaltando como a observação de um item lexical específico – o *gambá* – pode elucidar aspectos centrais da história e da epistemologia da Geolinguística no Brasil. Ou, pelo menos, oferecer pistas para investigações nessa direção.

1 DA DIALETOLOGIA TRADICIONAL À DIALETOLOGIA CONTEMPORÂNEA

A Dialetologia no Brasil nasce sob o signo da tradição europeia, especialmente da escola francesa, marcada pela ênfase na variação diatópica e pela busca de uma “geografia da língua”. Em seus primórdios, o foco recaía sobre a descrição lexical e fonética de falares regionais, com base em questionários uniformes aplicados a informantes selecionados por critérios socioculturais bastante restritos – geralmente homens, idosos, de baixa escolaridade e residentes fixos nas localidades investigadas, com pouquíssima mobilidade. Essa perspectiva, herdeira direta do *Atlas Linguistique de la France* (Gilliéron; Edmont, 1902-1910), orientou, ao menos em parte, ao considerar a pesquisa *in loco* imprescindível para os estudos da linguagem, a elaboração dos primeiros atlas brasileiros.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado por Nelson Rossi em 1963, insere-se plenamente nessa vertente. Seu objetivo principal foi registrar o léxico rural da Bahia, mapeando a distribuição de variantes regionais em cartas linguísticas de cunho essencialmente descritivo. A metodologia adotada por Rossi – questionário temático, entrevistas diretas e registro fonético detalhado – reflete o espírito da Dialetologia tradicional, centrada na representação espacial da variação e na autoridade do pesquisador como intérprete dos dados. A concepção de língua subjacente é eminentemente diatópica: a variação é tomada como expressão da territorialidade, e o mapa, como imagem da diversidade linguística.

O *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), desenvolvido por Carlota Ferreira, Judith Freitas, Jacyra Andrade Mota, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi e

outros pesquisadores, e publicado em 1987², mantém laços com o modelo tradicional, mas já revela sinais de transição metodológica. Ao ampliar a rede de pontos e introduzir preocupações socioculturais mais explícitas, o ALS representa um movimento de renovação dentro do paradigma monodimensional. Ainda que o perfil do informante siga os moldes clássicos, há, nesse projeto, uma atenção crescente ao contexto comunicativo e ao caráter dinâmico das formas linguísticas, o que prenuncia o deslocamento epistemológico que se consolidaria nas décadas seguintes.

Esse deslocamento se torna plenamente visível com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), iniciado oficialmente em 1996, e coleta dos dados a partir dos anos 2000, que inaugura, no cenário nacional, a fase da Dialetoлогия pluridimensional. Inspirado em propostas teóricas de Thun (1998), Cardoso (2010) e Radtke (1998), o Projeto ALiB adota uma perspectiva que integra múltiplas dimensões de variação – diatópica, diastrática, diageracional e diasssexual – e amplia substancialmente a rede de pontos de inquérito, contemplando todas as capitais e diversas localidades do interior. Além disso, incorpora o uso de tecnologias digitais para armazenamento, tratamento e representação dos dados, consolidando uma metodologia de pesquisa compatível com os princípios contemporâneos da Linguística de Corpus e da Geolinguística Computacional.

A passagem da Dialetoлогия tradicional à contemporânea, portanto, não se reduz a uma mudança técnica: trata-se de uma transformação epistemológica. O que se altera é a própria concepção de língua e de sujeito de fala. Se antes a variação era pensada como reflexo da geografia – uma língua “espalhada” sobre o território –, agora ela é compreendida como fenômeno multifatorial, social e cognitivo, cuja descrição requer a consideração de diferentes parâmetros. Essa transição, observável na comparação entre o APFB, o ALS e o Projeto ALiB, para Bahia e Sergipe, constitui o pano de fundo sobre o qual se inscreve a análise do léxico da fauna e, em particular, de *gambá*, objeto de estudo deste artigo.

²Convém distinguir o *Atlas Linguístico de Sergipe – Projeto-Piloto* (ALS-PP), coordenado por Rosa Virgínia Mattos e Silva na década de 1970, do *Atlas Linguístico de Sergipe* efetivamente publicado em 1987 por Ferreira e outros, sob a coordenação de Carlota Ferreira. O primeiro consistiu em um levantamento experimental de base restrita, voltado à testagem de instrumentos e à delimitação da área de inquérito, enquanto o segundo constitui o atlas regional completo, considerado o quarto atlas publicado no Brasil (embora tenha sido o segundo em confecção). Parte da confusão entre as duas referências, presente inclusive em trabalhos posteriores, decorre da proximidade temporal e da sobreposição parcial de pesquisadores envolvidos nos dois projetos, conforme observado por Ferreira e outros (1987), Mattos e Silva (1975) e Cardoso e outros (2014).

2 METODOLOGIA E *CORPORA*: APFB, ALS E ALiB EM PERSPECTIVA COMPARATIVA

O percurso metodológico da Dialectologia brasileira pode ser observado de modo peculiar quando se colocam lado a lado três marcos representativos: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado por Nelson Rossi em 1963; o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS), desenvolvido por Ferreira e outros e publicado em 1987; e o Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB), cujo projeto nacional teve início em 1996, sob coordenação de Suzana Cardoso. Cada um desses documentos traduz uma etapa específica na consolidação da pesquisa dialetal no país, refletindo diferentes concepções de língua, de variação e de representação cartográfica. Tomados em conjunto, esses três atlas ilustram o deslocamento dos chamados atlas de primeira geração (monodimensionais), para os de segunda geração (bidimensionais) e, por fim, para os de terceira geração (pluridimensionais), conforme a classificação proposta por Thun (1998) e Cardoso (2010).

Em termos comparativos, o APFB insere-se plenamente no paradigma monodimensional: foi elaborado com base em um questionário temático de 187 itens, distribuídos em quatro áreas semânticas, como Terra, Vegetais, Homem e Animais. O levantamento foi conduzido em 50 localidades baianas, com foco na fala rural, a partir de entrevistas presenciais com informantes de ambos os sexos, de idades variadas, de baixa escolaridade e nascidos no local. A coleta foi realizada por meio de transcrições fonéticas manuais, que forneceram dados para a confecção das 209 cartas linguísticas³, expressando graficamente a distribuição das variantes lexicais, sem o cruzamento de variáveis extralinguísticas. O APFB constitui, portanto, o primeiro registro sistematizado do léxico baiano, mas sua metodologia ainda está ancorada na tradição da Geografia Linguística europeia. Trata-se de um típico atlas de primeira geração, voltado exclusivamente para a dimensão diatópica.

O ALS, publicado em 1987, avança no tratamento técnico dos dados e na extensão da rede de pontos, contemplando 15 localidades sergipanas. Embora mantenha o perfil do informante do tipo “tradicional” – residente fixo, idade avançada e baixa escolaridade –, o Atlas Linguístico de Sergipe introduz um aspecto inovador e decisivo para os estudos dialetais no Brasil: a investigação sistemática de um homem e uma mulher por ponto de inquérito,

³ Apesar de sua natureza monodimensional, centrada na variação eminentemente diatópica, o APFB distingue-se por seu significativo viés etnolinguístico. Conforme pontuado por Cardoso e Ferreira (1994) e aprofundado em Dultra Pereira (2024), as notas e ilustrações presentes nas cartas trazem um relevante acervo sociocultural e etnográfico. Essa dimensão documental, que transcende a representação espacial, é essencial para se compreender o APFB como um marco dos estudos dialetais brasileiros.

totalizando 30 informantes, o que permitiu a observação do fator sexo, para além da análise espacial das ocorrências. Por esse motivo, é reconhecido como um atlas de caráter pluridimensional elaborado no país – mais precisamente, bidimensional e identificado como de segunda geração.

Apresenta, também, em suas cartas (são 256 no total), notas interpretativas e tratamento analítico semelhante ao adotado no APFB. A amplitude e a qualidade de seu acervo possibilitaram, inclusive, a publicação de um segundo volume, o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (2002), de autoria de Suzana Cardoso, desenvolvido a partir de materiais inéditos preservados no arquivo original do projeto.

A presença de uma equipe multidisciplinar, associada à utilização de recursos cartográficos mais precisos, faz do ALS um trabalho de transição entre a Dialectologia clássica e as perspectivas que se consolidariam no Projeto ALiB. Nesse sentido, o ALS funciona como um elo metodológico entre o projeto pioneiro de Rossi e o grande empreendimento nacional que viria a redefinir o campo na virada do século. Consolida-se, assim, como um atlas de segunda geração, situado na zona de transição entre os modelos monodimensionais e os pluridimensionais que seriam plenamente adotados pelo ALiB.

O Projeto ALiB, iniciado em 1996 e ainda em andamento⁴, representa a fase pluridimensional da Dialectologia brasileira. Composto por 250 pontos de inquérito, distribuídos por todas as regiões do país, o projeto adota um conjunto de procedimentos padronizados que integram variação diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. A coleta de dados é conduzida por equipes regionais, com uso de gravadores digitais e posterior transcrição ortográfica e fonética. As entrevistas são realizadas com quatro informantes por localidade – dois homens e duas mulheres, de duas faixas etárias distintas, nas capitais, e oito, para o interior –, o que permite observar a interferência de fatores sociais na distribuição das variantes. As cartas linguísticas, produzidas com o auxílio de softwares de georreferenciamento, representam uma inovação significativa na forma de visualizar os dados dialetais. O Projeto ALiB constitui, assim, o primeiro atlas brasileiro de terceira geração em sentido pleno.

A comparação entre os três atlas evidencia não apenas a ampliação quantitativa das redes e dos procedimentos técnicos, mas também a mudança qualitativa na concepção de pesquisa:

⁴ O Projeto Atlas Linguístico do Brasil vem ampliando, desde 2014, o conjunto de materiais publicados, além das inúmeras teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso a partir dos dados coletados. Até o momento, encontram-se disponíveis os volumes: *Introdução e textos de análises* (Cardoso et al, 2014); *Cartas Linguísticas I: Fonético-fonológicas, léxicas e morfossintáticas* (Cardoso et al, 2014) e *Comentários às cartas linguísticas I - V.3* (Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023). Os volumes seguintes, previstos para reunir dados das capitais e do interior do país, ainda estão em fase de preparação, em consonância com o caráter contínuo e de longo prazo do Projeto.

do registro essencialmente descritivo, voltado à representação territorial das variantes, à análise multidimensional da variação linguística como fenômeno social, histórico e cultural. Essa transição metodológica fornece o pano de fundo sobre o qual se apoia a análise do léxico do *gambá*, discutida na seção seguinte, e constitui a base interpretativa para compreender as diferenças na coleta, classificação e representação das variantes registradas nos três *corpora*.

Em síntese, o percurso metodológico reflete uma clara gradação evolutiva: o APFB constitui um atlas monodimensional, de primeira geração; o ALS representa um atlas bidimensional, de segunda geração; e o Projeto ALiB inaugura o modelo pluridimensional, de terceira geração. Essa progressão de paradigmas explica as assimetrias e as diferenças de produtividade observadas na análise de *gambá*, conforme apresentado neste estudo.

2.1 PROCEDIMENTOS DE COMPARAÇÃO DOS *CORPORA*

Após o levantamento dos pormenores relativos aos documentos investigados, este estudo procedeu à identificação dos aspectos passíveis de comparação entre o APFB, o ALS e os dados do Projeto ALiB para a Bahia e para Sergipe. Os procedimentos adotados para dar conta da investigação foram articulados em três etapas principais, como se verá mais adiante.

Tomando como referência o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 26-28), selecionou-se a área temática Fauna (QSL 64-88). Dessas 25 questões, seis foram consideradas passíveis de intercomparação com o APFB e o ALS e incorporadas ao conjunto analítico (inclui-se uma questão da área Atividades Agropastoris por sua pertinência descritiva). Para cada uma das questões verificou-se a existência de cartas correspondentes no APFB e no ALS, de modo a identificar as cartas intercomparáveis e as limitações de cada *corpus*.

O recorte espacial considerou apenas as localidades coincidentes entre as redes de pontos do APFB, do ALS e do Projeto ALiB nos Estados da Bahia e de Sergipe. Na Bahia, foram selecionados nove pontos comuns aos dois primeiros atlas e ao ALiB: Jeremoabo, Barra, Jacobina, Itaberaba, Santana, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista e Santa Cruz de Cabrália. Em Sergipe, duas localidades apresentaram coincidência entre o ALS e o Projeto ALiB: Propriá e Estância.

A comparação entre os três atlas representou um dos principais desafios metodológicos deste estudo. Embora todos compartilhem o objetivo de descrever a diversidade linguística brasileira, cada um foi concebido em contextos distintos, com redes de pontos, perfis de informantes, instrumentos de coleta e técnicas cartográficas diferentes.

Para garantir a comparabilidade entre os *corpora*, adotou-se um procedimento de equivalência metodológica baseada em três etapas (ou eixos):

- (i) Estabelecer correspondência temática, alinhando as questões dos questionários lexicais dos três atlas que tratam do mesmo referente;
- (ii) Identificar os pontos de inquérito, buscando a maior aproximação possível entre a rede de pontos da Bahia e de Sergipe; e
- (iii) Adotar correspondência interpretativa, considerando a natureza dos dados (inéditos ou publicados), o perfil e as condições de coleta dos informantes, a fase de inquérito, o tipo de registro (escrito ou magnetofônico) e as observações (notas) das cartas linguísticas, quando possível. O objetivo foi assegurar proporcionalidade interpretativa entre os *corpora*, evitando forçar simetrias quantitativas entre projetos metodologicamente distintos.

Tais informações podem ser melhor observadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização básica dos três <i>corpora</i> analisados					
Atlas	Ano(s) de coleta	Pontos de inquérito	Pontos coincidentes⁵	Informantes por ponto	Gravação
APFB⁶	1960-1961	50 (Bahia)	9 (BA)	1 (perfil tradicional) ⁷	Não
ALS⁸	1966-1967	15 (Sergipe)	2 (SE)	2 (M/F)	Sim
Projeto ALiB⁹ - BA/ SE	2003-2009	250 (Brasil)	9 (BA) /2 (SE)	4 (M/F; 2 faixas etárias)	Sim

Fonte: Elaboração própria, com base em Rossi (1963), Ferreira et al. (1987) e dados inéditos do Projeto ALiB.

A respeito de *gambá*, convém explicitar como as perguntas foram formuladas nos três documentos, pois essa diferença metodológica foi decisiva para a análise.

No APFB, a questão originalmente destinada a investigar a *pessoa com mau cheiro* (pergunta 56) acabou gerando, de forma indireta, parte dos dados referentes ao animal. Como não havia gravação dos inquéritos e o instrumento não apresentava uma pergunta específica para o animal, o aproveitamento posterior das respostas foi limitado, comprometendo tanto a

⁵ O recorte espacial inclui apenas localidades coincidentes entre os três projetos, garantindo proporcionalidade interpretativa entre *corpora* gerados em épocas e metodologias diversas.

⁶ O instrumento de inquérito investigava originalmente “*pessoa com mau cheiro*” (pergunta 56), não o animal, o que limita a comparabilidade direta.

⁷ O perfil tradicional do informante utilizado na Dialetologia brasileira, conhecido como HARAS (Homem, Rurícola, Adulto, Sedentário e Analfabeto) (Zágari, 1998), estabelece uma correspondência direta com o acrônimo NORMS (Non-mobile, Older, Rural, Male Speakers), popularizado por Trudgill (1983) para designar o mesmo tipo ideal de falante conservador.

⁸ Possui duas perguntas relevantes: 188 (pessoa) e 414 (animal), sendo esta última responsável pela carta 128; gravações permitiram recuperar variantes não cartografadas.

⁹ Projeto ALiB – Utiliza o QSL (Q64-88), sendo a QSL 71 diretamente correspondente ao referente zoológico.

produtividade quanto a comparabilidade com os demais *corpora*. Trata-se, portanto, de um cenário metodológico distinto daquele dos projetos mais recentes.

No ALS, ao contrário, o questionário traz duas formulações distintas: a pergunta 188 (*Pessoa com mau cheiro*) e a pergunta 414 (*Bicho que gosta de comer galinha, e quando passa deixa um mau cheiro, com desdobramento e tem outro? Diferença?*). Apenas esta última deu origem à carta 128, dedicada ao animal. Embora coexistam dois semas na formulação de 414 — *cheirar mal e comer galinha* —, o referente do atlas é explicitamente o animal, o que aproxima metodologicamente o ALS do Projeto ALiB.

Já no Projeto ALiB, a pergunta correspondente (QSL 71) apresenta um enunciado direto e unívoco: *Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?*. O instrumento, ao delimitar o referente ao animal desde o início, permitiu a interpretação com mais clareza quando da aplicação do questionário e a compreensão por parte dos informantes, garantindo a eficácia da investigação lexical.

Assim, a principal assimetria entre os *corpora* não reside no desdobramento da pergunta no ALS, mas sim na diferença estrutural entre o APFB — cujo instrumento não previa a investigação do animal — e os atlas subsequentes, nos quais o referente para o animal é claramente identificado. Essas distinções explicam, ao menos em parte, as lacunas e não respostas observadas no APFB e justificam a necessidade de uma leitura proporcional e interpretativa dos dados, sem imposição de simetria entre projetos elaborados sob paradigmas e épocas diferentes.

Para garantir a comparabilidade entre os três *corpora*, adotaram-se regras padronizadas de codificação lexical. As variantes fonéticas foram neutralizadas quando representavam apenas alternâncias previsíveis (por exemplo, *saruê ~ sariguê ~ saruí*), privilegiando-se, para fins etimológicos, a forma dicionarizada. Foram incluídas apenas as respostas cuja referência ao animal estivesse explícita no enunciado ou recuperável pelo contexto da entrevista.

Nesses termos, a principal assimetria residiu no APFB, cujo instrumento, ao não investigar o animal explicitamente, gerou vazios e lacunas nos dados. No entanto, a leitura crítica e proporcional dos inquéritos permitiu identificar e incluir as ocorrências que, apesar do foco no sema "pessoa com mau cheiro", remetiam lexicalmente ao referente animal para fins de análise comparativa, evitando-se a imposição de simetria metodológica entre os projetos.

Nos casos em que não havia registro magnetofônico (APFB), a validação limitou-se às transcrições e às notas das cartas. As decisões detalhadas de agrupamento, neutralização e o tratamento das lacunas encontram-se exaustivamente descritos na tese de Dultra Pereira (2024), à qual este estudo remete.

2.2 PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA ANÁLISE

A análise adotou duas perspectivas complementares, integradas ao procedimento comparativo descrito acima: (i) Léxico-semântica e (ii) Geolinguística.

A primeira parte da hipótese de que unidades lexicais da fauna expressam motivações semânticas, repertórios culturais e processos etimológicos que devem ser examinados em obras lexicográficas e enciclopédicas especializadas. O tratamento léxico-semântico incluiu: levantamento e apreciação das ocorrências nos dicionários de uso geral (clássicos e contemporâneos) e em dicionários específicos (etimologia, tupinismos, africanismos); consulta a obras sobre fauna, agropecuária e enciclopédias temáticas; e a elaboração de quadros comparativos que reúnem a dicionarização e as variantes lexicais encontradas. Para fins de uniformidade nas citações de obras eletrônicas, adotou-se a data de edição mais representativa disponível (por ex., Aulete, 1970; Aurélio, 2004; Houaiss, 2001), conforme procedimento detalhado nos apêndices da tese.

Na segunda, a dimensão diatópica constituiu o eixo central da leitura Geolinguística, complementada pela consideração de fatores extralinguísticos (histórico, sociocultural). As operações práticas incluíram: (a) audição e transcrição das entrevistas dos dados do Projeto ALiB (Bahia e Sergipe) e do ALS, quando o acervo permitiu; (b) levantamento dos itens lexicais nas cartas do APFB e do ALS, incluindo as notas; (c) apuração dos “vazios”/ausências (não respostas, materiais não aproveitados, problemas de aplicação do questionário); (d) tabulação em planilhas (Excel) e elaboração de tabelas, quadros, gráficos e cartografia georreferenciada para análise comparativa.

Consideraram-se como “não resposta” os casos em que o informante afirmou “não sei”, “não lembro”, apresentou ausência no ponto de inquérito, ou quando a pergunta não pôde ser aplicada por problemas de campo. No APFB – sem registro magnetofônico – a validação limitou-se ao conteúdo escrito das cartas e notas; no ALS e no Projeto ALiB, onde foi possível acessar gravações e transcrições, utilizou-se a audição para ampliar e validar as ocorrências. Em todas as etapas, as respostas aproveitáveis foram classificadas e, quando pertinente, neutralizadas foneticamente para agrupar variantes, como já dito, privilegiando, quando aplicável, a forma dicionarizada para fins etimológicos.

Foram incluídas como válidas todas as respostas consideradas aproveitáveis nas cartas do APFB e do ALS e as ocorrências documentadas nos registros inéditos do Projeto ALiB para as localidades selecionadas. Onde as questões divergem em sema (pessoa vs. animal), adotou-se uma leitura crítica e proporcional, tratando os dados como identificados com o referente

animal para fins de análise comparativa. Essa decisão metodológica permitiu manter a comparabilidade entre os três *corpora* nas duas sincronias.

3 O LÉXICO DO *GAMBÁ* E A TRAJETÓRIA DOS MÉTODOS DIALETAIS

O *gambá* é um mamífero marsupial da família *Didelphidae*, ordem *Didelphimorphia*, amplamente distribuído nas Américas, com 17 gêneros e cerca de 87 espécies (Rossi et al., 2006). De pequeno a médio porte, possui cauda preênsil e hábitos noturnos. As fêmeas gestam as crias em uma bolsa abdominal (*marsúpio*), onde os filhotes completam o desenvolvimento (Chiarello, 2020).

Entre as espécies do gênero *Didelphis Linnaeus*, as mais comuns no Brasil são o *Didelphis aurita* (*gambá-de-orelha-preta*) e o *Didelphis albiventris* (*gambá-de-orelha-branca*), amplamente distribuídas no Nordeste e Sudeste. Ambas são onívoras, solitárias e adaptáveis a ambientes urbanos. Quando ameaçados, os indivíduos exalam secreções fétidas e podem simular a morte (*tanatose*), como estratégia defensiva, segundo Chiarello (2020) e Santos (2012). O *D. aurita* (Figura 1) predomina em áreas de Mata Atlântica, enquanto o *D. albiventris* (Figura 2) apresenta maior plasticidade ambiental, adaptando-se também a espaços urbanos.

Figura 1 – *Didelphis aurita* (*gambá-de-orelha-preta*)

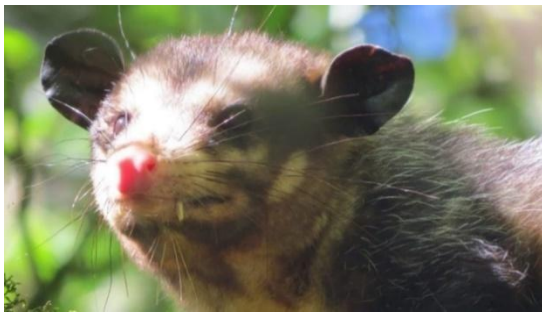


Figura 2 – *Didelphis albiventris* (*gambá-de-orelha-branca*)



Fonte: Fauna Digital Rio Grande do Sul (2018). Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/>>. Acesso em: mar. 2024.

É importante distinguir o *gambá* (*Didelphis* sp.) do *cangambá* (*Conepatus* sp.), carnívoro da família *Mephitidae*, desprovido de *marsúpio*. Apesar de também emitir substâncias odoríferas, o *cangambá* apresenta cauda peluda e hábitos distintos, sendo erroneamente associado ao *gambá* no imaginário popular, como destacam Cavalcanti (2010) e Rossi e outros (2006). O *cangambá* (Figura 3) apresenta cauda peluda e glândulas perianais que projetam secreções a distância (Cavalcanti, 2010).

Figura 3 – Carnívoro da família *Mephitidae*: *Conepatus semistriatus* (*cangambá*)



Fonte: Cultura mix (2021). Disponível em: < <https://www.culturamix.com/>>. Acesso em: mar. 2024.

Como se pode observar, essa semelhança de comportamento olfativo motiva confusões lexicais documentadas nos *corpora*, nas quais *gambá* e *cangambá* aparecem como variantes sinônimas.

3.1 GAMBÁ: ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL

Nos *corpora* comparados foram registradas quatro formas para nomear *o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*: *gambá*, *cangambá*, *saruê / sariguê* e *cassaco*. Essas variantes apresentam situação dual no plano semântico: de um lado, funcionam como nomes de espécie/denominações regionais; de outro, exibem extensões de sentido socioculturais (p. ex. aplicação a pessoas com mau cheiro ou a estados de embriaguez), como se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 2 – Denominações registradas para o item *gambá* e variantes em dicionários clássicos e contemporâneos da língua portuguesa.

LEXIA	DICIONÁRIOS CLÁSSICOS	DICIONÁRIOS CONTEMPORÂNEOS	OBSERVAÇÕES
<i>Gambá</i>	Registrado em Silva (1789-1813; 1949) com a acepção de marsupial (<i>Didelphis</i>); variantes: <i>micurê</i> , <i>mucura</i> , <i>sariguê</i> , <i>timbu</i> .	Presente em Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (1970) – definições completas, com informação taxonômica e etimologia tupi (“gã’bá”).	Acepção uniforme entre obras; inclui extensões figuradas (“pessoa fedorenta”, “bêbado”).
<i>Cangambá</i>	Registrado em Silva (1789-1813; 1949) como mamífero do gênero <i>Conepatus</i> , sinônimo de <i>maritaca / maritafede</i> .	Registrado em Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (1970) como sinônimo de <i>jaritataca (Conepatus semistriatus)</i> .	Notável confusão popular com <i>gambá</i> .
<i>Saruê / Sariguê</i>	Registrado em Silva (1789-1813; 1949) como animal noturno semelhante à raposa.	Em Houaiss (2001), Ferreira (2004) e Aulete (1970), sinônimo de <i>gambá</i> ; origem tupi (<i>sari’wê</i>).	Variantes regionais associadas à Bahia e Sergipe.
<i>Cassaco</i>	Não registrado.	Em Houaiss (2001), Ferreira (2004), Aulete (1970): sinônimo de <i>gambá</i> ; etimologia provável banta (<i>kasakana</i>).	Frequentemente com extensão figurada (“trabalhador de engenho”, “bêbado”).

Fonte: Elaboração própria, com base em Dutra Pereira (2024).

Em termos de dicionarização, nota-se diferença entre obras clássicas e contemporâneas. Nos dicionários clássicos, apenas Silva (1789-1813; 1949) registra a maioria das formas com acepções correspondentes às dos informantes, frequentemente com comentários literários e etnográficos. Já os dicionários contemporâneos (Houaiss, 2001; Ferreira, 2004; Aulete, 1970) apresentam entradas mais completas, listando variantes e informações taxonômicas — o que corrobora o uso corrente documentado nos atlas.

Quanto ao étimo / origem, a hipótese tupi aparece com força em várias fontes (Nascentes; Cunha), embora autores como Houaiss e Lopes registrem controvérsias e possíveis contribuições africanas (quioco/ngamba) para algumas formas, explicando a presença de variantes como *cassaco* com leitura de africanismo (Lopes, [1996] 2003; Lopes, [2004] 2011). Assim, a etimologia é plural e aponta para processos de hibridização léxica no Português Brasileiro.

Quadro 3 – Etimologia e distribuição regional das variantes lexicais

LEXIA	ORIGEM / ETIMOLOGIA	FONTES PRINCIPAIS	DISTRIBUIÇÃO DIATÓPICA (ATLAS)	EXTENSÕES DE SENTIDO
<i>Gambá</i>	Tupi (<i>gã'ba</i> — “seio oco”); etimologia controversa segundo Houaiss (2001) e Lopes ([1996] 2003).	Cunha ([1981] 2010); Nascentes ([1967] 2011); Houaiss (2001); Lopes ([1996] 2003).	Bahia e Sergipe (APFB, ALS, ALiB) – forma predominante.	Pessoa fedorenta; bêbado; tambor afro-brasileiro (<i>gambá</i>).
<i>Cangambá</i>	Do tupi <i>a'kãga am'ba</i> (“cabeça vazia”) e/ou do quioco <i>kangamba</i> (“zorrilha”).	Nascentes (1966); Lopes ([1996] 2003); Carvalho (1987).	Nordeste e Sudeste; forma residual em SE.	Confundido com <i>jaritataca</i> ; referência popular ao odor.
<i>Saruê / Sariguê</i>	Do tupi <i>sari'wê</i> (“raposa que traz os filhos no bolso”).	Cunha ([1976] 1998); Nascentes ([1967] 2011).	Bahia e Sergipe – variante local mais frequente.	Metáfora de astúcia; uso regional afetuoso.
<i>Cassaco</i>	Do quicongo <i>kasakana</i> (banta), com o sentido original de “trabalhar, fazer algo sob necessidade” ou “operário”.	Houaiss (2001); Lopes (2003).	Nordeste e Sudeste; forma residual em SE.	Metáfora para “trabalhador de engenho” (ligado à aguardente de cana), e uso para “bêbado” ou sinônimo de <i>gambá</i> .

Fonte: Elaboração própria, com base em Dutra Pereira (2024).

No plano semântico, três observações são centrais: (i) uniformidade de sentido — quando a forma refere-se explicitamente ao animal, as entradas lexicográficas coincidem em aceitar a mesma acepção; (ii) extensões metafóricas — *gambá* aparece também com sentido pejorativo para pessoa fedorenta ou bêbada (Castro, 2022; Cunha ([1976] 1998); (iii) diatopia — variantes como *sariguê / saruê* são associadas diatopicamente à Bahia e a Sergipe (Nascentes ([1967] 2011); Cunha ([1976] 1998)), enquanto *cassaco* tem maior incidência em áreas com

influência lexical africana/atlântica. Essas observações confirmam o valor da consulta comparada a obras lexicográficas para interpretar os dados de campo.

3.2 GAMBÁ E A ANÁLISE GEOLINGUÍSTICA

A análise geolinguística do lema *gambá* articula três eixos: (i) distribuição diatópica entre as localidades selecionadas, (ii) variação por lexia, visto que registram-se, nos três documentos, as denominações *gambá*, *cangambá*, *saruê/sariguê* e *cassaco*, e (iii) a incidência das não respostas como indicador metodológico. Os resultados sintetizam o confronto entre os três *corpora*, para os estados da Bahia e Sergipe, seja nos documentos mais antigos (APFB, ALS) – de primeira sincronia –, como nos dados mais atuais (ALiB para BA/SE) – de segunda sincronia –, e fundamentam a interpretação sobre o a permanência de uso de determinadas lexias pelos informantes, como *gambá* e *sariguê*, e o possível desuso de *cangambá* ao longo do tempo, ao menos nos dados da amostra, como aponta os estudos de Dultra Pereira (2024).

As informações relativas à distribuição das lexias e aos percentuais de ocorrência nos três *corpora* podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Ocorrências e Percentuais por *Corpus*¹⁰

Lexias	APFB		ALS		Projeto ALiB		TOTAL GERAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Gambá	7	77,8	0	0,0	38	82,6	45	75,0
Saruê / Sariguê	0	0,0	3	60,0	8	17,4	11	18,3
Cangambá	2	22,2	1	20,0	0	0,0	3	5,0
Cassaco	0	0,0	1	20,0	0	0,0	1	1,7
N Total de Respostas (R)	9	100	5	100	46	100	60	100
N Total de informantes	16		6		49		71	
N de Pontos da Amostra	9 pontos		5 pontos		23 pontos		37 pontos	

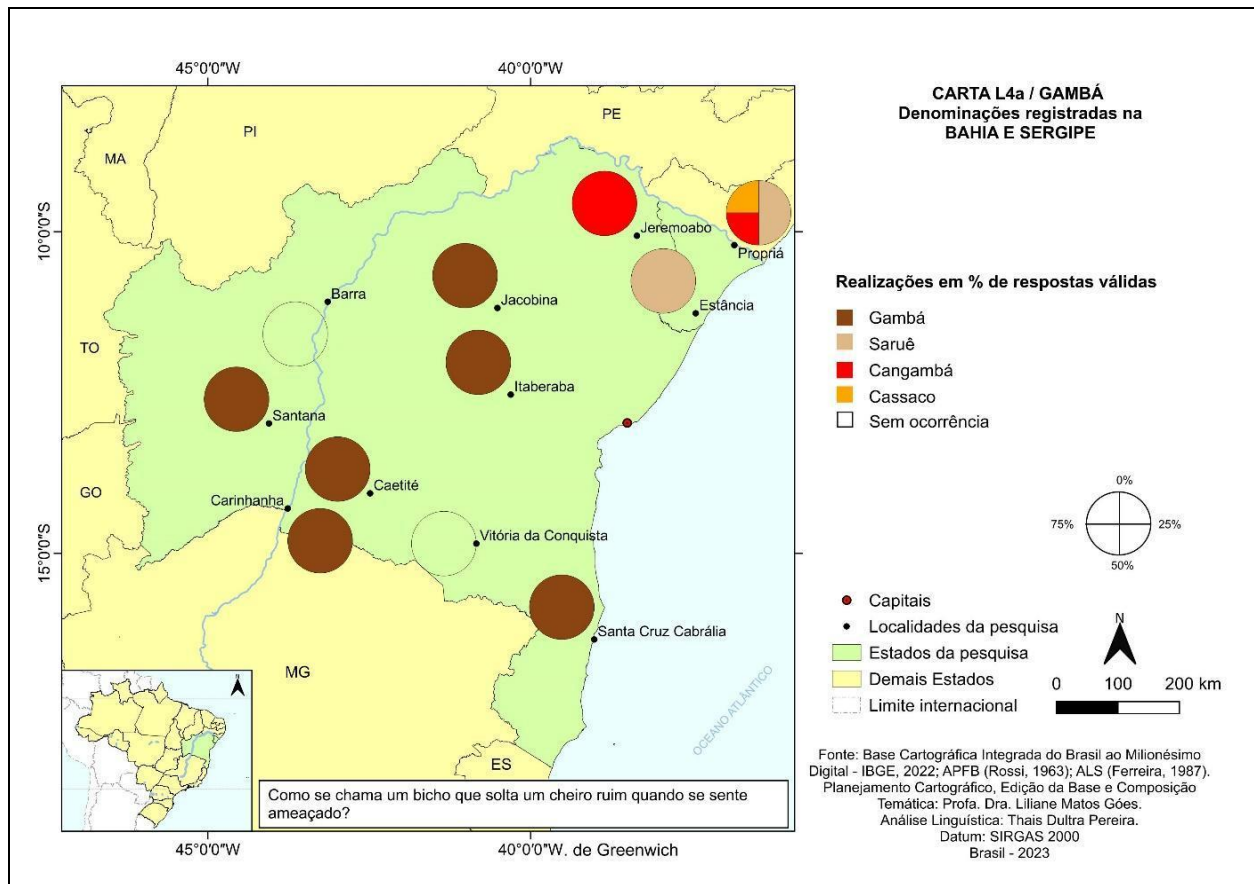
Fonte: Elaboração própria, a partir de reanálise dos dados do APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE, Dultra Pereira (2024).

Como visto, a Tabela 1 sintetiza a distribuição das lexias, evidenciando a clara predominância de *gambá* (75,0%) no total da amostra, em contraste com o baixo índice de *saruê/sariguê* (18,3%) e a marginalidade de *cangambá* (5,0%) e *cassaco* (1,7%). *Gambá* foi a forma que mais cresceu e se consolidou (82,6% no ALiB), absorvendo espaço de outras variantes. Fica evidente, ainda, a ausência total de *cangambá* no Projeto ALiB (0,0%), contra

¹⁰ Os valores apresentados nesta tabela foram obtidos através de uma reanálise da amostra (total de 22 pontos de inquérito e 71 informantes) dos corpora APFB (1963), ALS (1987) e Projeto ALiB (2000) para os estados da Bahia e Sergipe, realizada pela autora na tese de doutorado (Dultra Pereira, 2024). Os valores de N na coluna de cada atlas representam o número total de respostas válidas (informantes) aproveitadas para a questão do *gambá* em cada *corpus* reexaminado.

sua presença nos mais antigos (22,2% no APFB e 20,0% no ALS), indicando seu recuo ou desaparecimento.

Figura 4 – Carta Experimental Conjunta APFB/ALS: L4a – Gambá

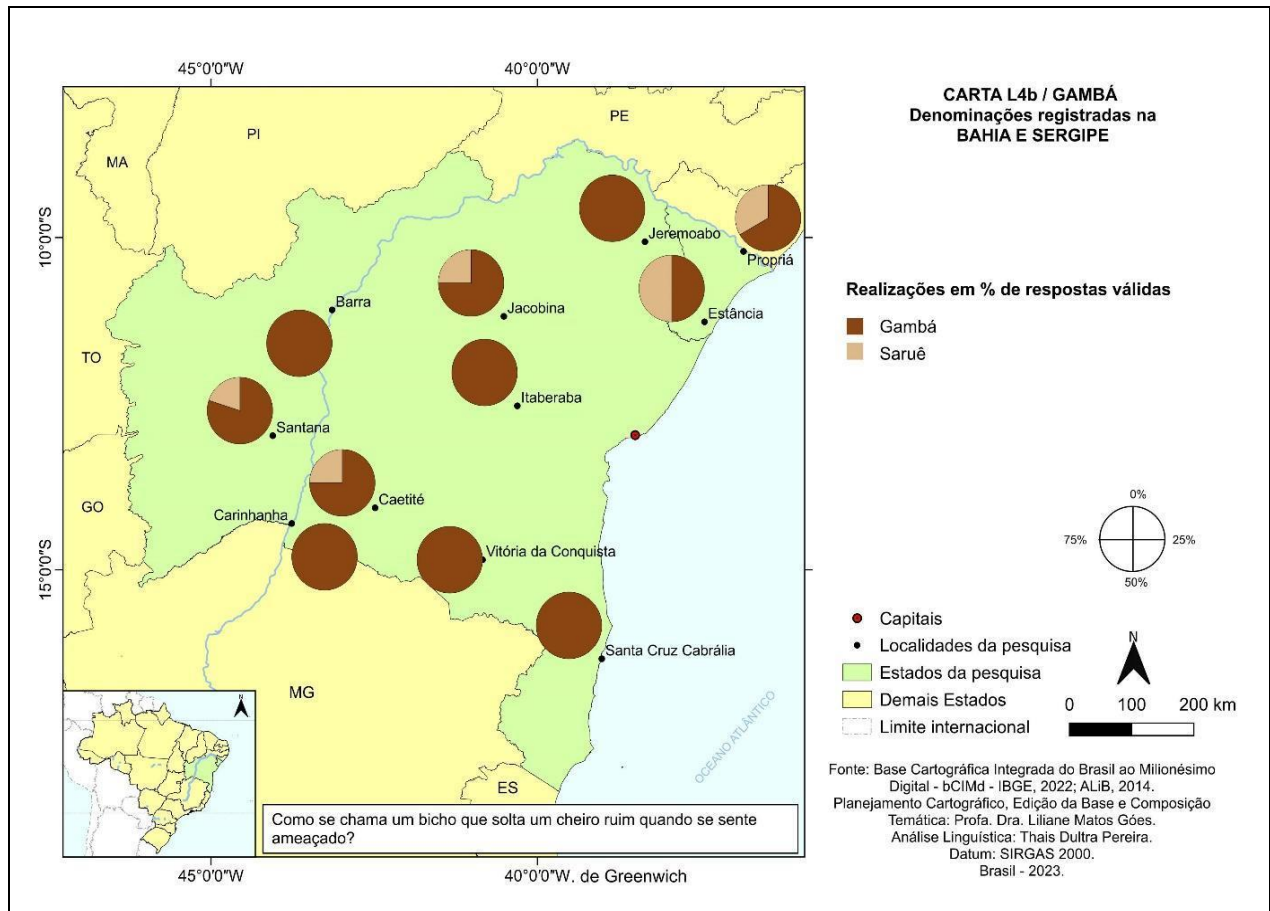


Fonte: Dultra Pereira (2024), a partir dos dados do APFB (Rossi, 1963) e ALS (Ferreira *et al*, 1987).

Na Carta Experimental Conjunta, *gambá* e *cangambá* aparecem como predominantes nas localidades com respostas, mas o atlas exhibe elevado número de pontos sem resposta. Contudo, o APFB apresenta 28 de 50 pontos sem resposta – o que reduz a representatividade da carta quando comparada com os dados posteriores.

No ALS, contudo, embora haja o registro de *cangambá* na cartografia, a audição dos arquivos permitiu recuperar, também, as lexias *saruê* e *cassaco*, tanto em Propriá como em Estância. Tais formas, apesar de não terem sido consideradas para inserção na carta original, foi aproveitada para fins de análise dos dados da tese. Essa diferença evidencia, do ponto de vista da investigação lexical, as contribuições quando se há gravações disponíveis para revisão, como comprovou os estudos de Dultra Pereira (2024).

Com relação aos dados do ALiB para Bahia e Sergipe, estes podem ser vistos na Carta L4b a seguir.

Figura 5 – Carta Experimental BA e SE com dados do ALiB: L4b – Gambá

Fonte: Dultra Pereira (2024), a partir dos dados inéditos do Projeto ALiB.

Como evidenciado, nos dados do ALiB para BA e SE, tem-se *gambá* como forma dominante em praticamente todos os pontos investigados nos dois Estados, com *saruê* restrito a poucos pontos. A uniformidade do ALiB contrasta com as lacunas e a maior heterogeneidade léxica dos atlas mais antigos, evidenciando que o aprimoramento dos instrumentos de inquérito contribuiu para uma coleta de dados bem sucedida.

A ocorrência de *cangambá*, tanto entre os informantes doo APFB como do ALS, por um lado, e a ausência de registros entre os dados do ALiB sugere mudança (ou perda) regional, mas que também pode decorrer de diferenças instrumentais e de recorte temporal (considerada a diferença de 40 anos entre as recolhas dos dados).

3.3 O PROBLEMA DAS NÃO-RESPOSTAS E A PRODUTIVIDADE METODOLÓGICA

Com relação às não-respostas, ficou evidente que as taxas elevadas de abstenção no APFB e ALS indicam problemas metodológicos e de aplicação do instrumento. No APFB, essa abstenção decorre da diferença de sema (pessoa *vs.* animal), mas também pode ser indício de mudança socioambiental (a despeito da diminuição da fauna visível). Em todos os casos, o “vazio” se transforma em evidência relevante para a interpretação geolinguística.

A Tabela 2 evidencia o sucesso na coleta de dados do Projeto ALiB, contrastando com o alto índice de abstenção nos atlas de 1ª e 2ª geração, principalmente no APFB (1ª geração/monodimensional), que não previa a gravação magnetofônica e utilizava um instrumento de coleta com problemas de formulação semântica.

Tabela 2 – Respostas Válidas (Aproveitadas) vs. Total de Informantes (Ausências)

<i>Corpora</i>	Respostas Aproveitadas (Nº)	% do Total (N=60)	Total de Informantes	Ausências (Informantes)
APFB	9	15,0%	16	7
ALS	5	8,3%	6	1
Projeto ALiB -BA	34	56,7%	37	3
Projeto ALiB - SE	12	20,0%	12	0
Total Geral	60	100%	71	11

Fonte: Elaboração própria, a partir de reanálise dos dados do APFB, ALS e Projeto ALiB para BA e SE, audição dos Dultra Pereira (2024).

Em contrapartida, o Projeto ALiB apresentou um sucesso muito maior na coleta (apenas 3 de 49 informantes não responderam) e a reanálise dos dados mais antigos (feita na tese) permitiu resgatar respostas como *Saruê* e *Cassaco* (principalmente no *ALS*), que não estavam cartografadas originalmente, enriquecendo o corpus em 5 e 9 respostas respectivamente.

Além disso, o acesso a arquivos sonoros, tanto do *ALS* como do *ALiB*, permitiu recuperar variantes não cartografadas — reforçando que a ausência de tal recurso pode levar a omissões que não podem ser identificadas apenas na cartografia dos dados, como ocorreu com o *APFB*.

Os resultados geolinguísticos confirmam a estabilidade relativa de *gambá* como lexia dominante, ao mesmo tempo em que mostram que diferenças metodológicas, como ficou evidente na distinção entre os instrumentos de inquérito, problemas de aplicação e ausências podem influenciar nos dados, e por conseguinte, no que é cartografado.

3.4 SÍNTESE DOS RESULTADOS PARA *GAMBÁ* NOS *CORPORA*

A investigação do lema *gambá* nos três *corpora* – *APFB*, *ALS* e Projeto *ALiB* para Bahia e Sergipe – revela uma continuidade lexical acompanhada de variação diacrônica e diatópica. As quatro variantes apuradas (*gambá*, *cangambá*, *saruê* e *cassaco*) distribuem-se conforme o recorte temporal e o contexto de coleta, a saber:

- (i) não há uma lexia comum aos três documentos;
- (ii) *cangambá* ocorre apenas nos atlas mais antigos (*APFB* e *ALS*), indicando variação temporal e possível recuo de uso nas décadas seguintes;
- (iii) *cassaco* foi registrado exclusivamente no *ALS*, em Sergipe, sinalizando o mesmo tipo de variação relacionada ao tempo, ao menos no que diz respeito às duas localidades em recorte para a amostra;

- (iv) *saruê* aparece no ALS e no Projeto ALiB, em ambos os Estados;
- (v) *gambá* ocorre no APFB e no ALiB, na Bahia e em Sergipe, em ambas as sincronias.

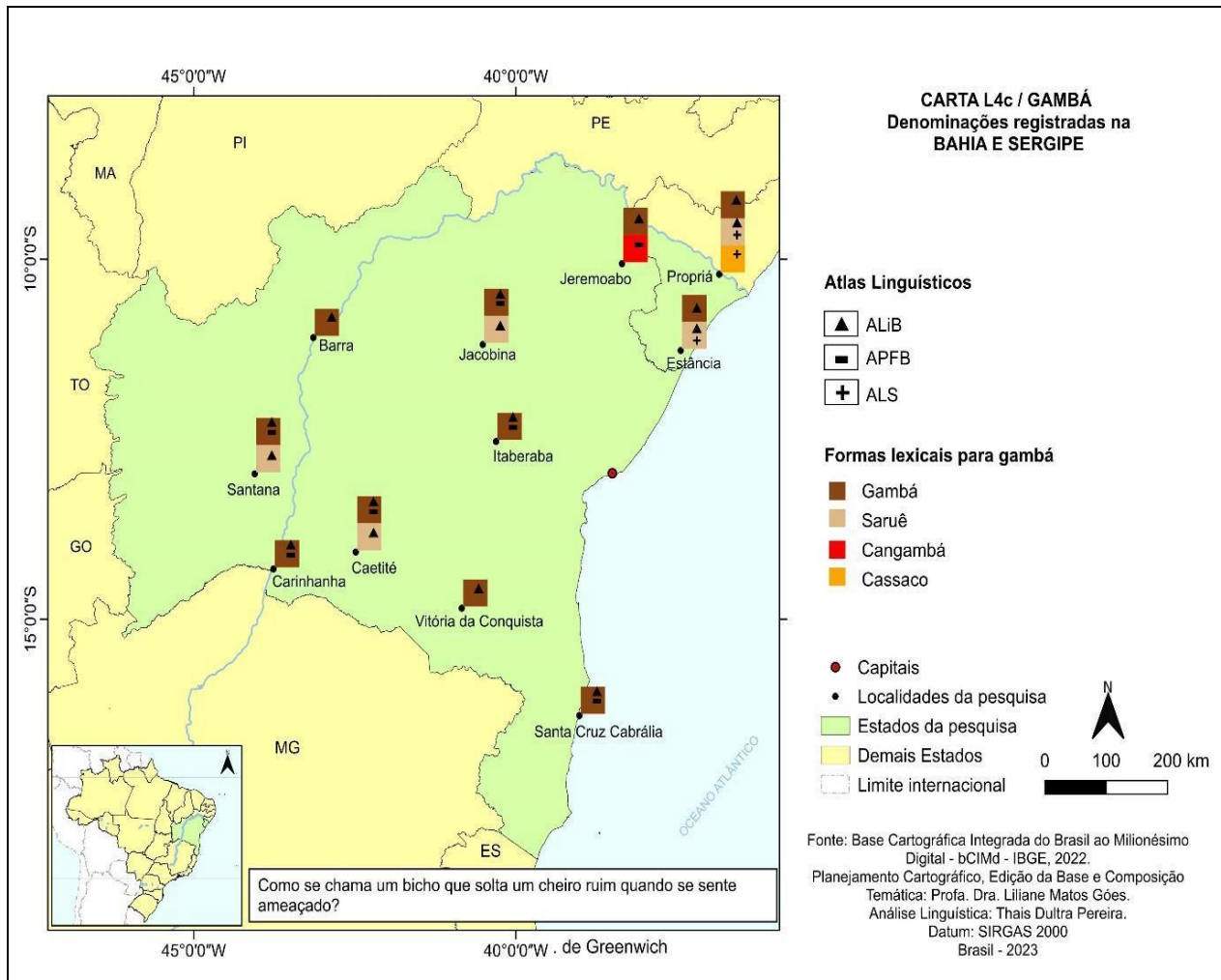
Essas constatações podem ser melhor observadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Síntese das ocorrências para *gambá* nos *corpora*

Gambá			
APFB	ALS	Projeto ALiB	
		BA	SE
<i>Gambá</i>	-	<i>Gambá</i>	<i>Gambá</i>
<i>Cangambá</i>	<i>Cangambá</i>	-	-
-	<i>Cassaco</i>	-	-
-	<i>Saruê</i>	<i>Saruê</i>	<i>Saruê</i>

Fonte: Elaboração própria, a partir de Dutra Pereira (2024).

Em perspectiva atemporal, o estudo mostra que *gambá* ocorre em praticamente todos os pontos de inquérito da Bahia e de Sergipe, enquanto *cangambá* e *cassaco* aparecem apenas nas sincronias mais antigas. Já *saruê* mantém vitalidade restrita a Sergipe e a alguns pontos da Bahia. Esse panorama confirma a estabilidade lexical de *gambá*, a retração de *cangambá* e o caráter localizado de *saruê* e *cassaco*. É o que se pode constatar na Carta Experimental LC4 a seguir.

Figura 6 – Carta Experimental Conjunta *APFB*, *ALS* e Projeto ALiB para BA e SE: L4c – Gambá

Fonte: Dultra Pereira (2024), a partir dos dados do *APFB* (Rossi, 1963), *ALS* (Ferreira *et al*, 1987) e Projeto ALiB.

A sobreposição cartográfica demonstra, ainda, como o tempo, o método e a natureza do instrumento de coleta interferem na representação da variação lexical – ponto central da transição da Dialectologia tradicional à contemporânea. Em suma, para *gambá*, a representação dos dados coletados nas cartas-resumo permitiu o registro dos itens apurados, em distribuição geográfica na Bahia e em Sergipe, seja em perspectiva sincrônica, em comparação, seja na junção dos três documentos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das denominações para *gambá*, com base nos dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), do Atlas Linguístico de Sergipe (ALS) e do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), evidencia a transição da Dialectologia tradicional para a Geolinguística pluridimensional. As formas documentadas — *gambá*, *cangambá*, *saruê/sariguê* e *cassaco* —

confirmam o predomínio de *gambá* como categórica, ao mesmo tempo em que revelam dinâmicas de variação diatópica e diacrônica na amostra.

O estudo demonstra que a diversidade lexical se relaciona intrinsecamente com as escolhas metodológicas dos atlas. As diferenças nas perguntas e a ausência de gravações no APFB explicam parte dos "vazios" (não respostas) e da heterogeneidade inicial, o que, longe de ser falha, configura um ponto significativo para compreender os limites da pesquisa dialetal *in loco*.

Em termos de evolução, a comparação dos três *corpora* atesta a mudança de paradigma: enquanto o APFB e o ALS se concentraram na variação diatópica, o Projeto ALiB, ao incorporar metadados sociais, gravações e georreferenciamento, amplia a leitura do léxico como um fenômeno multifatorial, sociocultural e histórico. O caso do *gambá* reforça, assim, a utilidade da abordagem pluridimensional para a Dialectologia brasileira, permitindo apreender tanto as permanências léxicas quanto os processos de perda, como o sugerido desuso de *cangambá* na sincronia mais recente.

Fatores extralinguísticos, como transformações socioeconômicas e ambientais, demonstram exercer influência direta sobre o léxico da fauna, sublinhando que o registro de lexias em declínio reforça a urgência de documentar e valorizar o patrimônio linguístico regional.

Em síntese, o *gambá* revelou-se mais do que um nome de animal: é uma chave de análise para compreender o percurso metodológico da Dialectologia brasileira, suas revisões e reinterpretções contemporâneas.

O percurso aqui apresentado demonstra que, mesmo diante das assimetrias metodológicas e das lacunas históricas – especialmente as não-respostas dos atlas mais antigos –, foi possível realizar com sucesso a comparação tripartida dos *corpora*. O caso do *gambá*, ao expor o avanço metodológico da Dialectologia, valida a premissa de que a leitura crítica e a reanálise dos dados, quando ancoradas no rigor interpretativo, transformam dificuldades em evidências robustas de variação e mudança.

A partir do que se apresentou aqui, propõe-se, por fim, que investigações futuras priorizem: (i) a ampliação do corpus sonoro; (ii) protocolos de questionamento mais explícitos quanto ao referente (animal vs. pessoa); e (iii) estudos longitudinais localizados. Esses passos são essenciais para consolidar as lacunas em evidência e aperfeiçoar as práticas de representação da diversidade linguística no país.

REFERÊNCIAS

- AULETE, C. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital [s.i.]. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/>>. Acesso em 05 nov. 2025.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas Linguístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. Atlas Linguístico do Brasil: introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v.1.
- CAVALCANTI, Gitana Nunes. **Biologia comportamental de *Conepatus semistriatus* (*Carnivora, Mephitidae*) em Cerrado do Brasil Central**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. 2010, 46 f. [Versão digital]. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8MTLN9/1/disserta__o_gitana_nunes_cavalcanti.pdf>. Acesso em: set. 2023.
- CHIARELLO, Guilherme Pereira. **Bases anátomo-funcionais da locomoção gambá-de orelha-branca (*Didelphis albiventris*)**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2020, 260 f. [Versão digital]. Disponível em: doi:10.11606/T.10.2020.tde-23022021-093129. Acesso em: mar. 2023.
- COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1982] 2010.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1976]1998. [Versão digital]. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/392844911/CUNHA-Antonio-Geraldo-da-Dicionario-Historico-das-Palavras-Portuguesas-de-Origem-Tupi-pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2021.
- DULTRA PEREIRA, (2024). **Do APFB ao ALiB**: a fauna na Bahia e em Sergipe, ontem e hoje. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024, 416f. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/41150>>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)**. Salvador: UFBA / Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, Carlota. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

HOUAISS, Antonio. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. [s.i.] Instituto Antonio Houaiss- UOL. [Online]. Disponível em: < <http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: ago. 2021.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MORAIS SILVA, Antônio. **Grande dicionário da língua portuguesa**. Lisboa: Confluência, 1949-1959.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico resumido**. Instituto Nacional do Livro, MEC, 1966. [Versão digital]. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/biblioteca/item/26463-dicion%C3%A1rio-etimol%C3%B3gico-resumido-antenor-nascentes.html>>. Acesso em: jun. 2023.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. **Camões com dendê: o português do Brasil e os falares afro brasileiros**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2022. E-Book Kindle.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Rogério Vieira et al. Ordem Didelphimorfia (Cap. 2). In: REIS, Nélío Roberto e outros. **Mamíferos do Brasil**. UEL: Londrina, 2006. [Versão digital]. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/811s10>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

SANTOS, Rodrigo Ataíde dos. **Anatomia, histologia e morfometria do estomago do gambá *Didelphis aurita***. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Viçosa, MG, 2012, 42 f. [Versão digital]. Disponível em: <<https://locus.ufv.br/handle/123456789/2354>>. Acesso em: mar. 2023.

SILVEIRA, F. F. **Gambá (*Didelphis albiventris*)**. Fauna Digital do Rio Grande do Sul and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-didelphimorphia/familia-didelphidae/gamba-didelphis-albiventris/>>. Acesso em: set. 2023.

SILVEIRA, F. F. **Gambá (*Didelphis aurita*)**. Fauna Digital do Rio Grande do Sul and Mammal Evolution, Systematics and Ecology Lab – UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordem-didelphimorphia/familia-didelphidae/gamba-didelphis-albiventris/>>. Acesso em: set. 2023.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In: **Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes: Vivacité et diversité de la variation linguistique...** Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 3, p. 367-386.

TRUDGILL, Peter. **On Dialect: Social and Geographical Perspectives**. Oxford: Blackwell, 1983.

ZÁGARI, Mário Roberto L. (1998). Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora da UEL. p. 31-77.

Contribuições de Autoria

A autora foi responsável pela concepção, delineamento do estudo e reanálise dos dados dos *corpora* (APFB, ALS e ALiB para BA e SE), redação integral, análise léxico-semântica, análise geolinguística e revisão final do manuscrito.

Conflito de Interesse

A autora declara que não possui interesses financeiros ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo.

Declaração de Aprovação do Comitê de Ética (Disponibilidade dos Dados da Pesquisa)

A maior parte dos dados primários utilizados neste estudo provém do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), um projeto de pesquisa nacional cadastrado no CNPq. Em função de as informações de inquérito estarem em processo de limpeza para garantir o anonimato dos informantes e evitar a identificação dos envolvidos, os dados brutos do Projeto ALiB não podem ser divulgados abertamente. Os dados já publicados e reanalisados, provenientes do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) e do *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) encontram-se disponíveis em formato impresso e digital nas bibliotecas universitárias e repositórios oficiais citados nas Referências (Rossi, 1963; Ferreira et al., 1987).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.